

BRASIL - PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1906

N.º 174

A Nova Escola Médica



Na Sala dos Actos. — Retrato de S. M. El-Rei D. Carlos, pintado por José Malhõa

A Nova Escola Medica

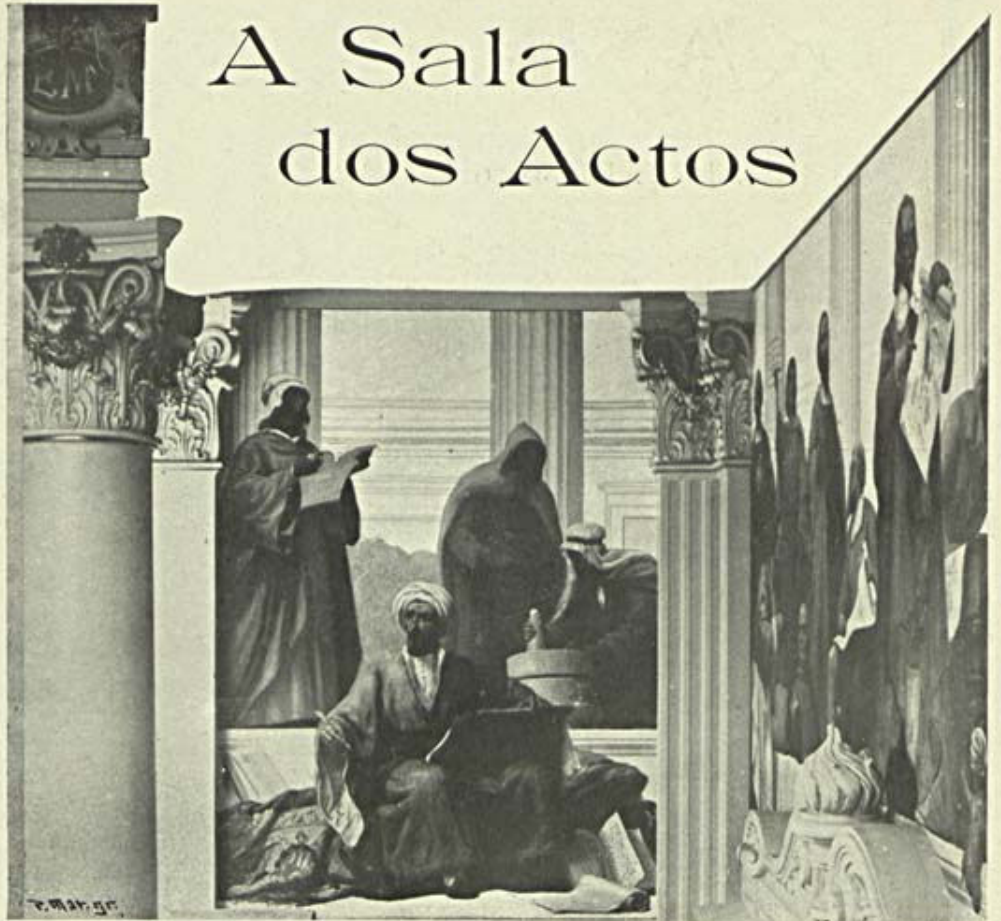
Está emfim concluido o edificio da nova Escola Medica que veio substituir o triste casarão da velha Escola. Era tempo. Aquella miseria aos olhos dos sabios que em breve nos visitarão seria um descredito — mais, uma vergonha.

A nova edificação, ampla, arejada, de linhas severas e sobrias, com a sua simplicidade não destituída de grandeza, as suas salas espaçosas, a sua escadaria nobre, os seus amphitheatros, as suas variadas installações, faz honra ao paiz.

A destacar n'esse conjunto harmonifico figura em primeiro plano a sala dos Actos grandes, em cujos frisos o pintor Velloso Salgado deixou as provas frisantes do seu alto valor artistico e do seu talento creador. Esses *panneaux*, de uma impeccavel execução, que representam a historia da medicina desde os velhos tempos, são hoje reproduzidos pelo *Brasil-Portugal*, de umas bellas e nitidas photographias que honram o atelier de que saíram.

Aos olhos deslumbrados do visitante surgem successivamen-

A Sala dos Actos



Ao fundo — Historia da medicina arabe

Rhazés Avicenna Avenzoar



Ao fundo. — Historia da medicina arabe

Abulcassis Averrhoes Haly Abbas

te todas as grandes figuras primicias da sciencia, a começar nas epochas remotas da medicina na sua feição theologica e sacerdotal, e as figuras secundarias de ornamentação. Segue a medicina laica.

Pythagoras está cercado dos seus discipulos, entre os quaes figuram Iccus, Herodicus, Democrito, Empedocles, Aresias, Neiros, Domeffedes, Euryphon, Prodikus.

Hippocrates, sentado, é rodeado por 17 figuras e entre ellas Dracon e Thessalus, seus filhos, Polybio, e Diocles de Charyste.

A medicina arabe tem nos frisos os seus representantes — Averrhoes, Avenzoar, Abulcassis, etc.

No *panneau* de Harvey, o descobridor da circulação do sangue, ostentam-se Eustachio, André Vesalio, Paracelso, Miguel Servet, Felopio, Malpighi, Aselli, Jean Pecquet, Ambroise Paré, etc.

Pasteur occupa um *panneau* com Van Helmont, Laennec, Galvany, Jenner, Lavoisier, Kock, Morgagni e Wirchoff, Roux, Listter, Darwin, Larrey, Bichat, Metchnikoff, Dupuytren, Trousseau, Charcot, etc.

Um dos *panneaux* é consagrado á medicina portugueza. Veem-se n'elle Garcia da Horta,



Pareda da direita (1). — Historia da medicina laica

Democrito — Euryphão — Empedocles — **Pythagoras** — Iecus — Podalirio — Demókedes

ao centro, Sousa Martins, Manuel Bento de Sousa, Camara Pestana, Manuel Constancio, Antonio Ferreira, Ribeiro Sanchez, José Lourenço da Luz, Almeida Porto, A. Lusitano, Zacuto Lusitano e Antonio Nunes.

Tem mais de 100 figuras esta interessante galeria, em cuja parede do fundo se torna digno de menção um retrato de El-Rei, traçado por José Malhõa.

As gravuras que hoje inserimos são reprodução de clichés, do nosso antigo e distincto collaborador artistico Arnaldo Fonseca.

creação Philosophica. Como o douto padre, acho-me embaraçado perante alguns milhares de leitores que não conheço e que não me conhecem, pessoas que por condição propria não são dadas ao perverso prazer de lêr as lenga-lengas dos plumitivos, pessoas que estão naturalmente collocadas n'um plano diferente d'aquelle que o nosso meio consigna aos escriptores de letras faceis, cuja obra tem a vida ephemera das rosas de Malherbe, o curto lapso de tempo que medeia entre a publicação de dois fasciculos ou de dois numeros de jornal.

Perdoar me-ha o leitor o ar acanhado de pessoa pouco habituada ao convivio da boa-roda. Não vá agora, por este simples e ingenho pedido, suppôr que eu sou p'rá aqui um labrego recém-chegado,

A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto

Com licença . . . — Uma creatura embaraçada solicita a benevolencia do leitor. — Declaração inesperada. — Quem é o homem. — As philosophias, desde Pyrrho até Comte; escolhe-se uma philosophia para andar por casa. — Nada de programmas! — Politica: os que choram e os que riem. — Como se era politico aos 10 annos n'uma ilha longiqua. — Aboboras e Mogangos. — Intransigencia de um Mogango. — Por que não querem o chronista nos partidos. — Musica, musi os dilletantismo e snobismo. — Tabacos, pela ultima vez! Uma grande phrase do sr. José Luciano. — Culpas e penitencia.

Eu devo começar, para começar bem, por apresentar o meu memorial á benevolencia do pio leitor, como diria o reverendo Theodoro d'Almeida, que Deus haja, no anteloquio da sua



Pareda da esquerda (1). — Medicina da Edade Media. — Farvey, o descobridor da theoria da circulação do sangue

2.º Plano — Eustachio — Paracelso — Miguel Servet — Cesalpino — **Farvey** — Malpighi — Leurvenoeck — Fabricio — Acquapendente — Varole
1.º Plano — André Vesalio — Gabriel Falloppio — Aselli — Ambrosio Pareu

de rudes brenhas, sem um "Deus o salve!", para as aproximações amáveis e um "creado de vossa excellencia, para a hora angustiada das separações. Não, não! Esteja tranquillo. E, digo-lhe mais: nem mesmo haverá razão para que fique de pé atrez ante esta declaração que lhe disparo á queima roupa: sou ilheu. Não se sobresalte! Sou ilheu — mas estou vivo. Ainda por cá ando a encher-me de dividas — as dividas que nós, os ilheus, só podemos pagar depois de mortos...

Eis aqui a minha caderneta:

Trinta e oito annos completados ha quinze dias. O meu balanço dá o seguinte: perdi pouco a pouco todas as illuções e achei de uma vez quatorze vintens n'um saquitel de chita; creio em Deus e não acredito nos homens; tenho a paz do Senhor na consciencia e não tenho o habito de S. Thiago na lapella. Foi o que pude arranjar em trinta e oito annos, alem de uma dyspepsia que constitue a parte mais importante do meu activo e que ha de levar-me á cova para de lá, segundo a lenda, saldar honrosamente o meu passivo. Então se verá quem é homem de boas contas.

Ah! esquecia-me d'uma coisa... Sou alegre. Não como em geral se é alegre, de uma alegria que se exteriorisa. Passo até por ser uma das pessoas mais macambuzias do paiz, pouco communicativo, menos expansivo ainda. O meu aspecto de creatura esguia e calada dá a impressão funebre d'uma porta de jazigo. Mas cá por dentro vae uma folia permanente. Mal comparado, pareço Democrito commodamente installado na pelle de Heraclito. Um medico consciencioso que me auscultasse ouviria com pasmo o saltar de



Pareda da direita (3). — Medicina laica

Ao centro, Galeno, sentado

Da esquerda para a direita: Celso — Soranos d'Epheso — Oribaso — Dioscorides — Plinio — Aétios — Thiago e Psychresbo — Alexandre de Tralles — Heraclito — Paulo d'Egina

rolhas de Champagne no meu coração, que de resto está longe de ter as condições exigidas a um regular gabinete reservado. Gosto de rir e quando me dá para rir — o que succede frequentes vezes — tenho para pèras. Isto de rir para dentro tem inconvenientes graves: cança muito.

O riso — disse o nosso bem amado Ramalho — é uma philosophia. E é. E' mesmo a unica accetavel entre todas as conhecidas, desde o azedo septicismo de Pyrrho até o descaravel positivismo de Comte. De tal convicção vem o ser eu um dos mais accerrimos sectarios d'esta amavel philosophia, que não obriga a dispendios de intellecto e a atribulações de espirito que devemos manter despreocupado e sereno — para que os outros se não riam de nós.

As citações são como as cerejas: vem umas após outras. Necessito registrar, depois da opinião de Ramalho sobre o riso, a de outro escriptor cujo nome não me ocorre agora, sobre a "chronica". Disse esse senhor, quem quer que elle é, com grande justeza de apreciação, que a "chronica" é a philosophia do noticiario. De accordo.

Ora, concordando eu em que o riso é a melhor das philosophias e a "chronica", é a philosophia do noticiario, ao apparecer n'este logar destinado á *Chronica do "Brasil Portugal"*, julgo me dispensado de fazer um programma, no qual, de resto, ninguem acreditaria, a começar por mim.

N'estes termos, minhas senhoras e meus senhores, vamos a isto.



Pareda da esquerda (3) Garcia da Horta e medicos portugueses

Da esquerda para a direita, no 2.º plano: Antonio d'Almeida — Manuel Constancio — Ribeiro Sanches — Garcia da Horta — Amato Lusitano — Zacuto Lusitano

No 1.º plano: Manuel Bento de Sousa — Camara Pestana — Sousa Martins — Almeida (Porto) — José Lourenço da Luz

Maria vae com as outras, e um chronista que quer ser bem visto tem que ir na peugada dos seus camaradas. Nada de innovações na patria da Rotina! Ora, nenhum dos meus camaradas hesita em collocar na cabeça do seu rol de assumptos a politica, e isto explica-se n'uma terra em que dois terços da população fazem politica e o outro terço diz mal d'ella. de resto, a politica foi o assumpto dominante da quinzena finda.

A epoca é de tristezas para progressistas e de alegria para regeneradores. Para mim, de indifferença, porque não sou politico. Não me querem nos partidos. Tambem, não sei porque. Com a minha dyspepsia e observando rigorosamente o regimen a que ella me obriga, eu seria um correligionario ideal. Mas embirraram comigo e acabou-se. Supponho que a razão do caso está em o sr. Hintze julgar que a minha dyspepsia é um *truc* engenhoso e o

Congresso de Medicina

MEMBROS DO CONGRESSO



Dr. Philomeno da Camara
Presidente da 2.^a secção (Physiologia)



Dr. Raymundo Motta
*Presidente da 4.^a secção
(Therapeutica e pharmacologia)*



Dr. José Ponte e Sousa
*Secretario da 4.^a secção
(Therapeutica e pharmacologia)*



Dr. Benjamin Arrobas
Secretario da 5.^a secção (Medicina)



Dr. Dias d'Almeida
Presidente a 6.^a secção (Pediatria)



Dr. Salazar de Sousa
Secretario da 6.^a secção (Pediatria)



Dr. José Joaquim d'Almeida
6.^a secção (Pediatria)



Dr. Caetano Beirão
*Presidente da 7.^a secção
(Neurologia, psiquiatria e antropologia criminal)*



Dr. Arthur Furtado
*Secretario da 10.^a secção (Medicina
e cirurgia das vias urinarias)*



Dr. Meyer
*Vice-presidente da 11.^a secção
(Ophthalmologia)*



Dr. Xavier da Costa
Secretario da 11.^a secção (Ophthalmologia)



Dr. Gregorio Fernandes
Presidente da 12.^a secção
(Laryncologia, rhinologia, otologia
e stomatologia)



Dr. Caldeira Cabral
12.^a secção (Otologia)



Dr. Manuel Carocha
12.^a secção (Stomatologia)



Dr. Candido de Pinho
Presidente da 13.^a secção
(Obstetricia e gynecologia)



Dr. Daniel de Mattos
Secretario da 13.^a secção e vogal
da commissão executiva



Dr. Guilherme Ennes
Secretario da 14.^a secção
(Hygiene e epidemiologia)



Dr. Carlos Moniz Tavares
Presidente da 15.^a secção
(Medicina militar)



Dr. Manuel Gião
Secretario da 15.^a secção
(Medicina militar)



Dr. Lima Duque
Presidente da 16.^a secção
(Medicina legal)



Dr. Fernando de Mattos Chaves
Secretario da commissão executiva



Dr. Clark Bell
Presidente da «Medico Legal Society»
de New-York

Sociedade "Propaganda de Portugal,,



Sua Alteza Real o Príncipe D. Luiz Philippe

Está n'este momento, como seu presidente de honra, á frente da mais util e benemerita collectividade que nos ultimos annos se tem organizado em Portugal, o joven principe que deve como soberano constitucional presidir n'um futuro, mais ou menos proximo, aos destinos da nação.

Quando o presidente da direcção da Sociedade, o sr. conselheiro Fernando de Sousa, expôs lucidamente, sinceramente, a S. A. R. os intuitos e os fins patrioticos que a demociam, um d's directores d'esta Revista, que estava presente, na qualidade de vogal da direcção da Sociedade, teve o feliz ensejo de ouvir dos labios do principe palavras do mais rasgado acolhimento, que traduziam uma profundissima sympathia pela ideia e um vehemente desejo de collaborar pessoalmente com todos aquelles que vão pôr os seus esforços, os seus alvitres, toda a sua actividade, ao serviço do desenvolvimento e da grandeza da patria.

Momentos antes, El-rei e a Rainha tinham dado, com as suas palavras de sympathia e de louvor, incentivo poderoso ao impulso dos que iam tentar fazer de Portugal um paiz mais culto, mais adaptavel á civilisação, mais digno de ter o logar que lhe compete entre as nações da Europa.

Na mesma effusão de sentimentos e na mesma corrente de ideias mais uma vez se uniram e enlaçaram estas vontades fecundas e supremas: a da familia real portugueza e a do povo portuguez. E a presidencia do joven principe, que tão fertil deve ser em resultados, ficará sendo, para o futuro grandioso de Portugal, o elo abençoado entre a familia real e a nação.

E com o maior jubilo que os directores do «Brasil Portugal» registam este faustoso acontecimento, e publicam n'esta pagina, como ex-ressão de reconhecimento e homenagem, o retrato de Sua Alteza.

sr. José Luciano acreditar n'ella, mas recear que venha a ter cura. Depois, a minha fama de patriota deve prejudicar-me muito. Marianno de Carvalho, o meu inolvidavel mestre e grande amigo, que officava de pontifical em politica, costumava dizer sempre que lhe falavam em patriotas:

— Homem, isto de patriotas são pessoas de muita comida!

Provavelmente os dois chefes de partido leem pela mesma cartilha, e d'ahi o ostracismo a que sou votado.

No emtanto, devo confessar que já fui politico, com convicções, com enthusiasmo. Até os 10 annos fui um regenerador, ou o que é melhor, um fontista dos quatro costados. Na minha terra, a ilha Terceira, a politica era, n'essa epoca quasi remota, um horror. Dividia familias, cavava abysmos de odio entre velhas e santas amizades, accendia rancores em corações aliaz generosos e bons. Um pavor. Quem fosse progressista, — *mogango*, no dizer do povo — não podia ter relações cordeas com quem fosse regenerador — *abobora*. Antonio José, o *Judeu*, encontraria ali assumpto em barda para outras guerras a que elle poderia chamar das *Aboboras e dos Mogangos*.

Meu pae era regenerador e portanto *abobora*. Eu, é claro, tambem. Mas um primo meu, Alvarinho, era *mogango*, porque lá em casa d'elle eram todos *mogangos*. Andavamos, eu e Alvarinho, na mesma escola, a do Andrade. O Alvarinho amava apaixonadamente — aos dez annos! — uma menina, filha de um sr. Bettencourt.

Sucedeu por esse tempo cair um ministerio. Houve musica e foguetes, berraria á porta dos caídos, o diabo. E, de noite, alguém a quem sobejava tempo para taes coisas, escreveu nas paredes das casas uma das palavras, *abobora* ou *mogango*, conforme a politica dos moradores. O caso foi muito falado e verificou-se que quem o fizera estava ao facto das idéas politicas dos habitantes de Angra.

Iamos nós para a escola, eu e o Alvarinho, quando passámos pela casa onde morava a dama dos sonhos de meu primo. Olhei — e que vi eu? Na parede, a letras garrafaes, lia-se *Abobora!* Fiquei abismado! Pois seria possivel que o Alvarinho soubesse e amasse... Não, não era possivel! Um *mogango* tão intransigente!...

— Oh Alvarinho, olha aquillo!

Elle olhou, leu e tornou-se pallido como um cadaver. As lagrimas saltavam-lhe. Mas como que envergonhado da sua fraqueza, limpou bruscamente os olhos á manga, arrancou uma folha do caderno de escripta e escreveu qualquer coisa. Depois, pondo o papel deante dos meus olhos, exclamou:

— Vê como os *mogangos* se sabem portar!

E correu a metter o papel por uma fresta de certa porta, receptaculo das suas cartas amorosas.

O bilhete dizia assim:

"Minha senhora. — Está tudo acabado entre nós. Seu pae é *abobora*. — Alvaro."

O que a gente é aos dez annos! Até politico!...

Verdade, verdade, a quinzena foi dos politicos mas devia ter sido dos musicos. A politica é de todos os dias e a boa musica não é coisa que se apanhe todos os annos. Isto dizem os entendidos, — nanja eu, que nada percebo de musica, graças a Deus. E sou levado a crer que os entendidos teem razão, porque raras vezes somos visitados por celebridades authenticas, d'estas de marca acreditada



Antonio de Macedo Ramalho Ortigão

O auctor do interessante «Guia de Navegação» é oriundo da capital d'essa bella provincia do Algarve, e official muito distincto da armada portugueza. O seu livro, destinado ao estudo dos aspirantes e guardas-marinhas, trata de astronomia applicada á navegação, calculos nauticos, desvio e compensação da agulha e chronometros. É um livro utilissimo que vem prestar grandes serviços á marinha, e que deve ser adquirido.

Typo de belleza



Uma milaneza

em toda a parte, como as pilulas Pink. Mas como não ha fome que não desande em fartura, este anno tivemos um fartote de gente celebre na arte de ser agradável ao bichinho do ouvido de cada um.

O *fautueil* da regencia de S. Carlos foi occupado ultimamente por alguns dos mais celebres maestros compositores da actualidade: Leoncavallo, que dirigiu a sua opera *Palhaços*; o abade Perosi, que regeu as suas oratorias, segundo uns, os seus oratorios, segundo outros, *Moyse e Resurreição de Christo*; Giordano, que regeu a sua *Fedora*; Saint Saens, que tambem empunhou a batuta para dirigir a execução de composições de sua lavra. Alem d'estes srs., tambem se apresentou em alguns concertos um joven violinista, Veczey, que me dizem ser um portento.

Não vi nem ouvi nenhum d'elles. Não frequento S. Carlos, porque não me interessando a musica, e mormente a musica moderna, eu não iria fazer coisa alguma áquelle templo da arte — vá lá o chavão. Sei bem que esta franca declaração vae acarretar sobre mim desdens por certa parte dos meus leitores. Elles que me perdõem, se a tanto chega a sua magnanimidade. Mas que querem? N'isto de gostos, cada qual tem o seu. Eu fico menos mal em companhia de Camillo Castello Branco, que dizia ser a musica o barulho mais supportavel. E se cito apenas Camillo, não é porque não possa, querendo, apresentar uma longa lista de pessoas da mesma opinião, por exemplo: todas aquellas que frequentam assiduamente o theatro lyrico para ouvirem artistas relativamente vulgares e abandonaram os concertos d'esse Veczey, que tem fama europeia. Que quererá isto dizer? Evidentemente, que S. Carlos não é frequentado por amor á musica, mas por amor á moda, por um dos snobismos que Tacqueray definiu no seu encantador livro: o snobismo *dilettante*.

Esta iniciativa gorada do empresario deve tel-o convencido da necessidade de manter o seu *menu* theatral com a sopa, vacca e arroz do estylo, o preciso para justificar a iluminação da sala e a concorrência de um publico com ouvidos... de mercador.

Aquelle flagello que ha dois annos nos apoquento com uma pertinacia horrivel, surdindo-nos das columnas de todos os jornaes, da conversa de todas as pessoas com quem trocamos quatro palavras, das cartas que abrimos, da sopa que comemos, dos sonhos que sonhamos, essa já lendaria questão dos tabacos parece estar em via de solução, mercê de um diploma publicado ultimamente no *Diario do Governo* e transcripto em todos os jornaes, afóra os progres-

Dr. Sousa Viterbo



E tardia a homenagem do «Brasil-Portugal», mas não menos sincera que todas aquellas de que nos últimos dias tem sido alvo o dr. Sousa Viterbo. Foi a mais significativa e a mais eloquente a homenagem inicial, aquella que lhe tributou com a mais cordeal effusão, e que até ás lagrimas o commoveu, a Real Associação dos Architectos e Archeologos. Quantas se lhe seguiram, por parte de collectividades respeitadas e de individualidades em fôco, acabaram de demonstrar o valor da obra polygraphica, a alteza do talento, e os primores de caracter do dr. Sousa Viterbo. Todos esses preitos de assignaladas sympathias envolveram o nome de sua filha estremecida, a sr.^a D. Sophia Leite de Sousa Viterbo, a companheira da sua vida, a intelligente collaboradora no seu trabalho litterario, e, para o coração do pae e para a sensibilidade do artista, nada mais torcente do que este enlace dos dois nomes que symbolisa o enlace de duas almas.



D. Sophia Viterbo
Filha do dr. Souza Viterbo

sistas. A coisa arranja-se, como usava dizer certo politico afamado, e parece arranjar-se a contento de todos os antigos descontentes, porque todos elles gritam *Victoria!* escrevem *Victoria!* e mandam compor *Victoria!* na mais grossa parangona de que dispõem as typographias.

Eu felicito-me e felicito os leitores por esta solução, menos pelos beneficios que ella traga que pela tranquillidade em que a gente vae ficar, falando n'outra coisa, pensando n'outra coisa, vivendo, enfim, de outra coisa, sem sobresaltos pelo chamado "dia de amanhã", que até ha uns dias a esta parte passava por ser um bico d'obra muito difficil de avaliar "ponto negro a avolumar-se no caliginoso horisonte da vida nacional."

Ora graças ás cabaças que já se desfez esse ponto negro como o fumo d'esses charutos que todos os caricaturistas punham nos labios do sr. José Luciano, nos dedos do sr. José Luciano, nas algibeiras do sr. José Luciano, em toda a parte do corpo do sr. José Luciano onde fosse possivel manter o equilibrio de um charuto.

E o mais alliviado de todos nós vae ser o proprio sr. José Luciano, que a estas horas terá dado milhares de suspiros de satisfação. Estamos d'aqui a ver o venerando estadista entalando uma cigarrilha nos dentes e pedindo, sorridente, phosphoros ao creado:

— Dá cá um phosphoro, rapaz. Vou enfim fumar uma cigarrilha, descansado, tranquillo, sem correr o perigo de dizerem que foi o Burnay quem m'a deu!

Ainda assim, o prazer do sr. José Luciano não será completo. Porque o velho estadista, como todos nós, os desgraçados que fumam, mal tire tres fumaças da sua cigarrilha, sentirá a lingua a arder, a bocca queimada, as guellas seccas, o seu pigarro acirrado. A peste do tabaco portuguez! O horror do tabaco portuguez!

E atirando a cigarrilha para o cinzeiro, entre dois accidentes de tosse, o sr. José Luciano dirá:

— E foi por causa d'esta porcaria que eu soffri tanta semsaboria, tanto desgosto! Ora vamos, que já estou em idade de ter juizo!

Creio que o diploma a que ha pouco me referi salvaguarda por completo os interesses do thesouro, cura dos interesses dos operarios e põe a adjudicação do exclusivo de fabrico em termos muito claros, muito precisos, por fórma a não levantar duvidas, suspeições, dolorosas insinuações. E' o que me diz pessoa entendida com quem conversei pela ultima vez sobre o assumpto. Mas parece que esse documento official não contém uma só palavra no sentido de

impor obrigações ao concessionario ácerca da qualidade do tabaco a fornecer ao consumidor. Por fórma que vamos ser condemnados, durante mais 19 annos, a fumar coisas diversissimas sob o aspecto de bons cigarros, taes como: velhos chinellos de liga, talos de couve, cascas de melancia, cabellos e outros muitos artigos que pela sua grande variedade não podem ser enumerados, como diz o Grandella nos annuncios de liquidação.

— Pois seja! A tudo nos sujeitamos, a tudo! Mas com uma condição; de não se tornar a falar em tabacos. Pelo amor de Deus! Nós outros, os que estamos de fóra e durante dois annos não falamos em outra coisa, temos mais culpas a tal respeito que todos os politicos e syndicateiros juntos, porque tanto os accusamos de *fumarem* muito, que *mascamos* de mais.

Penitenciamo-nos do muito que falámos e do pouco que acertámos. A época é propria para isso. A' hora a que termino estas mal alinhavadas regras, a igreja celebra a paixão de Christo.

Gloria a Deus, nas Alturas, e paz aos homens na Terra!

CAMARA LIMA.

A Caridade

Uma vez, n'uma d'essas mascaradas,
Encontrei phantasiadas
As tres virtudes santas da Escripura.
Vinham de branco; cada qual mais pura
Na sua nivea, immaculada alvura,
Tão branca, tão diaphana que, em summa,
Eu, sem difficuldade,
Conheci uma a uma:
Taes eram a Fé, a Esperança, e a Caridade,

Entretanto pensava: "Serão ellas,
Senhor, estas donzellas?
E se eu tirasse a prova..."
E me occorreu uma ideia:
Dei o braço á mais nova,
E levei-a
Para a ceia.
— "Milady, fui dizendo, não se acanhe,
Que por isso é que a gente se mascara.."

Mas estoura o champagne
Com tal alacridade,
Que ella assusta-se, treme... e embalde ampara
A mascara na cara.
Desmascarada, Lady Caridade
Era a pura Vaidade.

FONTOURA XAVIER.



Conselheiro Camelo Lampreia

Ministro de Portugal no Brasil

O «Brasil-Portugal» cumprimenta o distincto diplomata
que ha poucos dias chegou do Rio de Janeiro



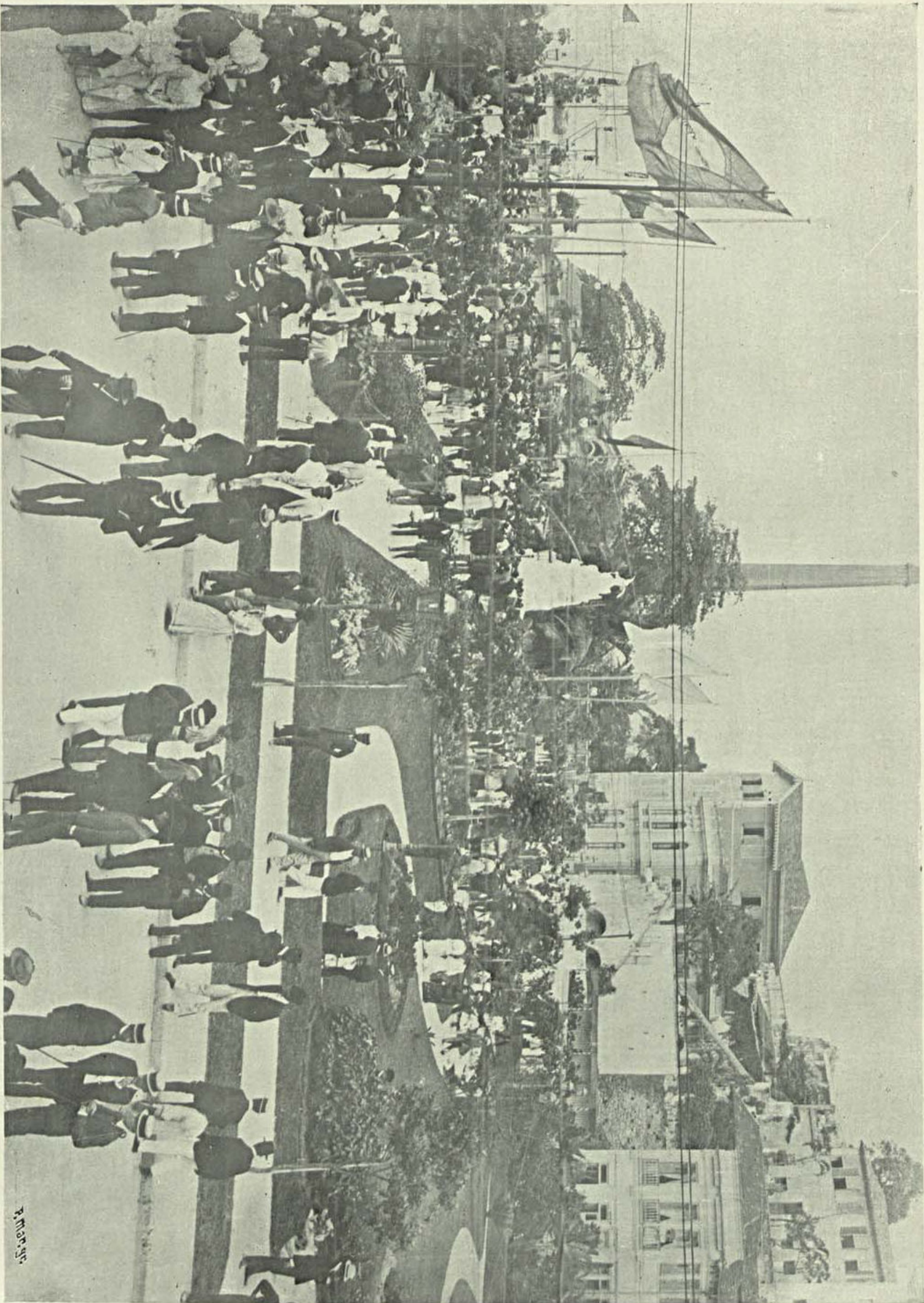
A Fonte do Jardim da Gloria — Rio de Janeiro

Os srs. Adriano Ramos Pinto & Irmão, abastados negociantes de vinhos, no Porto, offerceram à cidade do Rio de Janeiro uma bella fonte de mármore de Carrara que ali foi inaugurada em 24 de fevereiro. Foi executada pelo esculptor francez Eugène Thivier, e a montagem entregue à casa Jourdan de Paris. Mede 5 metros e 60 centímetros de altura da base ao topo. Tem tres jactos e symbolisa a «Fonte da juventude». A valiosa offerta, que muito honra os srs. Ramos Pinto, custou duzentos mil francos. A' cerimonia assistiu o Presidente da Republica, o Prefeito dr. Pereira Passos, altos dignitarios, imprensa, etc.



Aspecto do jardim da Gloria, no Rio de Janeiro, momentos antes da inauguração da fonte, em 24-2-906

24-2-906



Inauguração da Fonte do Jardim da Glória, no Rio de Janeiro, em 24-2-906

A. M. C. 1906



Na Castellana (14-3). — Tribuna real — Rainhas D. Amelia e Cristina, e infantas, assistindo ao juramento da bandeira — A' direita o conselheiro Eduardo Villaça



Coronel Antonio Augusto Duval Telles



† em 5-4-906

O «Brasil-Portugal» regista com pesar a morte d'este illustre militar. Era coronel de engenharia, ajudante de campo de El-Rei e chefe do estado maior da arma.

Fazia parte da casa militar de Sua Magestade desde 1884. Foi sempre um amigo dedicado do monarcha que muito o apreciava pelo seu caracter e pela sua intelligencia.



D. Maria da Apresentação de Madureira e Costa

Verdadeiramente benemerita esta illustre dama de Braga, ha pouco extincta. Toda a sua existencia foi applicada á pratica do bem. Fundou numerosas associações de beneficencia e obras de caridade. Instituiu em Braga dois estabelecimentos modelares: A «Officina de S. José» e o «Collegio da Preservação», aquelle para rapazes, este para donzellas, ambos destinados a arrancar do vicio os que a elle se entregassem. O funeral da benemerita senhora foi dos mais imponentes e commoveedores que têm sido celebrados na cidade dos arcebispos, fiel a tão veneranda memoria.

O Escultor Calmels



† em 24-3-906

Entre os mortos do mez de março figura o nome do celebre escultor Anatole Celestino Calmels, francez, que ha longos annos fizera de Portugal a sua segunda patria. Era um artista distinctissimo, que entre nós deixou o seu nome vinculado a obras de grande valor. Quando veio para Portugal era já laureado entre os melhores escultores do seu tempo. Foi professor da senhora duquesa de Palvela, sua devedelva protectora, e de ha muito vivia n'uma dependencia do palacio da illustre titular.



A actriz Virginia

Reappareceu nos «Velhos», de D. João da Camara, a actriz illustre que conquistou de ha muito a sympathia de uma população inteira.

Na galeria artistica nacional, Virginia tem um logar de honra.

A vibração de seu sentimento, os encantos da sua voz, todo o conjunto das suas qualidades realçado nos ultimos annos pelo soffrimento phisico, conquistaram-lhe a adoração publica, e bastou o vê-la resurgir n'uma das mais deliciosas comedias portuguezas da actualidade para irem render-lhe homenagem, e reviver as ovações antigas quantos mais estimam e admiram o seu valor. E ainda não começavam a echoar as palmas no theatro, já a imprensa toda, n'uma acção anticipada, reclamava dos poderes publicos que fosse concedida antes de tempo legal á distinctissima actriz portugueza a reforma que representava o reconhecimento publico pela sua arte e pelos seus serviços.

A todas as homenagens, de que Virginia seja o objectivo, do coração se associa o «Brasil Portugal».



Devoção

(Do hespanhol)

Não te quero enganar, doce Maria...
 Se o Christo Redemptor
 Tu me viste beijar, no outro dia,
 Com mystico fervor,
 Não foi por devoção, como pensaste...
 Foi uma idéa... a ardencia do desejo
 De aspirar, n'esse sitio que beijaste,
 A ardencia enebriante do teu beijo.

JOAQUIM DOS ANJOS.



Theatro d'Avenida — Uma scena da revista «Não lhe bulas»

Ao relampago do magnésio, a objectiva de um collaborador artistico do «Brasil Portugal» colheu em flagrante uma das scenas mais bem pintadas, e que melhor effeito produziram, da magnifica revista «Não lhe bulas» que tem sido o atractivo e o encanto de uma grande parte de Lisboa. E a reprodução d'essa scena que damos hoje